COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL (CSN): A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE CLASSE TRABALHADORA COMO MÁSCARA PARA O RACISMO ESTRUTURAL (1946-1997)?

Leonardo Ângelo da Silva[1]

Este artigo tem por base a história de construção e operação de uma das maiores indústrias siderúrgicas da América Latina, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) que se localiza na região Sul Fluminense do Estado do Rio de Janeiro. O início de construção da usina (anos 1940) é mesclado ao processo de mudança do Brasil, de transformações que conformariam a passagem do rural para o urbano, do que era considerado atraso para a modernização e a CSN foi usada como símbolo dessa transformação. O seu objetivo é demonstrar que desde o seu início o rural e atrasado traziam em seu bojo a herança das desvantagens pautadas no período escravista, ao mesmo tempo, o urbano e moderno vinham encobrir este passado e justificar o discurso de democracia racial que então era a tônica dentro da empresa ao disseminar a ideia de oportunidade para todos os trabalhadores, independentemente de suas origens ou cor. Assim, uma análise mais aprofundada nos leva a ter o contexto como permeado pelo contraditório diante de tantas disparidades pautadas na raça-cor.

As reflexões do artigo trazem questionamentos do quanto que as transformações produtivas, políticas e estruturais ocorridas na CSN atingiram a cidade (Volta Redonda) que surgiu ao seu redor, bem como sua população. Acredito que essas disparidades pautadas na raça-cor e que muitas vezes se imbricavam com classe, foram evidentes nos primeiros anos de construção da usina, acompanharam todo o processo histórico de sua produção e, provavelmente, ainda lá estão. Pensando na historicidade da usina, penso que nosso problema, enquanto pesquisadores e historiadores, passa sempre por demonstrar construções pautadas em fontes e em hipóteses testadas, com base teórico-metodológica. Grande parte deste artigo teve por base minha tese de doutoramento (DA SILVA, 2019) e é a partir dela que pautei outras hipóteses e que tentarei ensaiar aqui enquanto construção.

[1] Mestre e Doutor em História Social pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

ESTRANHAMENTOS, CSN E VOLTA REDONDA

Volta Redonda era um distrito rural de Barra Mansa. De 1939 a 1946 o distrito sofre processo significativo e impactante viabilizado pela construção da CSN. Ao começar a ser construída, no segundo semestre de 1941, havia 762 trabalhadores na Usina e 2.782 habitantes no distrito, já na década de 1950 a CSN possuía um efetivo de 11.089 trabalhadores e uma população local de 56.380 habitantes, 90% dos quais no núcleo urbano do novo município[2]. A transformação da região e a grandeza da obra tornam-se símbolo do desenvolvimento nacional e a construção da usina paradigma de um novo país. Se a construção do novo ganhava caráter discursivo, neste também se encontrava o da construção de uma nova classe trabalhadora.

Mesmo antes de chegar à região, os trabalhadores eram laçados pela mudança de perspectiva (individual e coletiva) e isso fazia de Volta Redonda um Eldorado (BEDÊ, 2004, p. 20), pois para muitos que vieram para a construção desse eldorado nacional desenvolvimentista de Vargas existia a sensação de que a grandeza da obra era presságio de mudança positiva até para as gerações futuras, isso acompanhou Volta Redonda e a CSN até os anos 1980, pois grandes fluxos migratórios eram comuns em decorrência dos planos de expansão da usina. Os primeiros operários, majoritariamente eram de origem "simples e de pouca leitura" (...) "tinham uma noção bem nítida da importância da obra que ajudavam a construir, e associavam a relevância da usina de aço com o futuro de seus filhos" (Idem, p. 41). Para muitos dos trabalhadores que vinham das áreas rurais e se tornavam operários da CSN a mudança não era só geográfica, era mudança de condição, mudança de nível, deixar para trás o passado rural.

Após a construção da usina, que começa a operar em 1946, parte da mão-de-obra é dispensada, o que explica a queda no número de operários na década de 1950, quando o efetivo de trabalhadores cai para 11.089, enquanto a população local cresce, chegando a 56.380 habitantes. É provável que o aumento do número de habitantes reflita o estabelecimento de famílias na localidade, e a consequente ampliação

[2] ASSOCIAÇÃO DOS DIPLOMADOS DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA, Delegacia do Estado do Rio de Janeiro, 1971. *Influência da Expansão da CSN na Comunidade*. Ciclo de Estudos sobre Segurança Nacional e Desenvolvimento, mime, p. 18.

do número de mulheres e crianças. Combinado à redução do número de empregos oferecidos pela Companhia, esse processo aprofunda a insegurança estrutural[3] que rondava os trabalhadores e trabalhadoras.

Encontrei no Centro de Documentação da Companhia Siderúrgica Nacional (CDOC-CSN) várias fotografias das favelas e fichas que catalogavam as mesmas. Recebiam nomes diversos e foram registradas com o ano de 1948, dois anos após o fim da construção da maior parte da CSN e da dispensa de muitos trabalhadores. Existem outras fichas com este mesmo fim e foram enumeradas 25 localidades de moradia precária[4]. O curioso e impactante foi notar que para além do discurso desenvolvimentista e para o de formação de classe trabalhadora, os trabalhadores migrantes traziam sua cor. 69% dos trabalhadores envolvidos com a construção da CSN eram negros (DINIUS, 2004, p. 182).

A cor trazia estranhamento, mas ao mesmo tempo estereótipos, como o fato de nomearem um específico trem como "trem dos baianos". Na verdade, o citado transporte vinha da Zona da Mata de Minas Gerais, e apenas recebia esse nome pela cor dos trabalhadores. O que os dados da Zona da Mata Mineira podem nos dizer sobre isso?

O Censo demográfico, em 1872, apontava a existência de 370.459 cativos para o Estado de Minas Gerais; à Zona da Mata, em 1883, ficava reservada a quantia de 86.635 cativos que se dedicavam à produção agrícola destinada ao abastecimento do Rio de Janeiro; "em 1872, Minas Gerais abrigava 15% da população cativa do país e, em

[3] Ao tentar colaborar com a resolução do impasse teórico que contrapõe, de um lado os marxistas e os adeptos de teorias econômicas neoclássicas e, do outro, abordagens que possuem uma análise mais cultural, Savage sugeriu o foco na *insegurança estrutural*, pois esta marca a vida de todos os trabalhadores quando comparados às outras classes sociais, por não possuírem recursos próprios e enfrentarem uma maior situação de insegurança social e econômica em seu cotidiano. Para o autor, esta insegurança estrutural não se baseia exclusivamente no processo de trabalho, nem no mercado de trabalho, mas se pauta na experiência vivida pelos trabalhadores dentro de determinado contexto histórico. Isso colaboraria na determinação de estratégias de sobrevivência desses trabalhadores, suas formas de organização e de atuação. Savage conclui: "nesse olhar, o trabalho, enquanto emprego, não carece de ser visto como único ou o principal eixo de classe social" (SAVAGE, 2004, pp. 26-33).

[4] Em outras duas fichas, encontrei: Favela do Tietê, Favela do Bairro São Lucas, Favela das Mangueiras, Favela Boca de Onça, Favela do Eucaliptal, Favela do Porto de Areia Velho, Acampamento dos Índios, Acampamento da Pedreira 3 Poços, todas registradas no ano de 1948. Fonte Centro de Documentação da Companhia Siderúrgica Nacional (CDOC-CSN).

1877, a província somou quase 40% desse percentual" (BATISTA, 2006, pp. 49,50 e 63). Portanto, podemos concluir que, em linhas gerais, quando analisamos os dados de Volta Redonda, ser um trabalhador negro e migrante da Zona da Mata mineira implicava ser descendente direto de cativos.

A debandada de trabalhadores da Zona da Mata para Volta Redonda foi imensa, a ponto de os fazendeiros reclamarem com as autoridades e a polícia de Minas prender recrutadores da CSN (DINIUS, 2004, pp. 188,189). Neste primeiro momento, trabalhadores de várias origens se encontravam na futura cidade de Volta Redonda, atendiam ao chamado de construção do futuro do país, ao mesmo tempo que mudavam suas próprias trajetórias. Penso que essa construção vá ao encontro das palavras de Flávio Gomes e Marcelo Paixão quando estes asseveram que "o modelo desenvolvimentista acabou sendo forjado utilizando como motor ideológico do próprio mito da democracia racial" (GOMES e PAIXÃO, 2008, p.185).

O ambiente que envolveu a emancipação do distrito de Volta Redonda, ocorrida em 1954, conseguiu unir interesses diversos sob o mesmo objetivo. Isso aglutinava e colocava em ação uma forma de articulação interclassista. Mesmo com a impressão de que o trabalhador era encarado como masculino e não-negro e tendo indícios de fissuras internas da classe (pautadas em raça e gênero) não encontrei demandas de grupos negros ou de mulheres em meio ao discurso emancipacionista[5]. A emancipação reforçava os ideais de classe trabalhadora e a ideia de uma democracia racial, pois todos eram filhos da empresa mãe e seu pai-criador, Vargas. Contudo, mesmo para esses anos iniciais, as imagens conseguem demonstrar mais do que os fotógrafos objetivavam.

[5] A emancipação do distrito e o jogo interclassista foi objeto de minha dissertação de mestrado, vide DA SILVA, 2010.

Imagem 1.1
"Alunos em Recreio no, no G.E 'Barão de Mauá'. Set. de 1944. P/B S35-436

Imagem 1.2
"Alunos em Recreio no, no G.E 'Barão de Mauá'. 06/09/1944. P/B S35-445

As imagens 1.1 e 1.2 retratam um recreio cotidiano no grupo escolar que existia nos anos finais de construção da CSN. Pelo que vemos, não são fotos posadas, e foram tiradas em momento de descontração dos alunos que, com duas exceções (uma em cada foto), não notaram a ação do fotógrafo. As imagens nos revelam alguns aspectos: uma escola multirracial, com grande espaço fora da sala de aula, um recreio de caráter integrador pois muitos parecem participar das mesmas brincadeiras, interação entre meninos e meninas que possuíam faixa etária similar e, dentre o universo de personagens expostos, um significativo número de crianças descalças. As fotos estão cadastradas em uma mesma ficha nomeada de "Grupo Escolar Barão de Mauá".

Imagem 1.3
"Educação e Ensino". 04/04/1946. P/B S766.

Fonte: CDOC - CSN

A imagem 1.3, para minha surpresa, destoa totalmente das anteriores, a começar pelo ângulo da foto que enquadrou as meninas de baixo para cima, fazendo-as parecer maiores que a realidade que as circunda. Apresentam uma postura quase heroica com um olhar fixo, que não sabemos se a contemplar ou analisar. O que menos aparentam fazer é esperar um ônibus, como se suporia pela placa a demonstrar que teriam condução fornecida pela empresa até a escola. As duas vestem roupas parecidas com as de outras meninas das fotos anteriores, mas estão impecavelmente arrumadas, golas perfeitamente postas, com bolsas padronizadas, aparentemente de couro. Por fim, são meninas brancas, com uma imagem quase europeia que contrasta fortemente com a aparência da maioria das crianças das fotos anteriores. Esta foto compõe um grupo de outras imagens que foram cadastradas na ficha "Educação e Ensino", um tratamento genérico que também se diferencia da identificação precisa de um grupo escolar concreto como ocorre nas anteriores.

Achei várias imagens que vão na mesma direção. O interessante em observar na imagem 1.3, e todas as outras que acompanham a ficha "Educação e Ensino" (para além dos personagens brancos) é a data: 1946. Ano de fim de construção da CSN e início das operações da usina, em que operários especializados de várias partes do país chegariam à Volta Redonda (vide DA SILVA, 2019, pp. 79-137).

Se existiam imagens que demonstravam essa contradição entre qual o perfil racial de quem trabalhava e qual o perfil que a empresa usava para propagandear ou chamar novos funcionários, como será que a representação racial foi tratada por um dos periódicos da CSN? Como que o adentrar de novas décadas atingiram as relações raciais?

A QUESTÃO RACIAL SOB A VISÃO DE O LINGOTE

O Lingote foi o periódico da CSN para seus funcionários e comunidade, foi publicado de 1953 a 1977 e nos anos de 1953 a 1957 existiu a coluna "Conheça seu colega de trabalho", em que a CSN articulava e expunha seus trabalhadores (em muito menor número, suas trabalhadoras). Isso agregava à CSN uma ideia de complexo, pois o periódico propagandeava e evidenciava histórias para além de Volta Redonda. Então, encontramos personagens de Volta Redonda (localizada no sul-fluminense do Estado do Rio de Janeiro e local da planta de produção de aço), de Minas Gerais (onde se realizava a

exploração do minério), de Santa Catarina (onde se realizava a extração de carvão mineral), do Rio de Janeiro (local da sede do escritório central), do mar (sobre trabalhadores embarcados em navios da empresa), de São Paulo e até de Nova York. As palavras do General Sylvio Raulino de Oliveira, presidente da CSN em 1953, na primeira edição de O Lingote, foram:

> SURGE este jornal com expressivas finalidades. Pretendemos que seja o veículo de intercomunicação dos diversos setores de trabalho da CSN, o elemento por meio do qual nos conheçamos melhor, de Volta Redonda a Casa de Pedra, de Lafaiete a Tubarão, de Campo Belo a Siderópolis, em qualquer parte, enfim, onde estejamos servindo à Siderúrgica Nacional. E que valha, também, em cada comunidade ligada à C.S.N., como o elemento de integração social que faltava.
> É portanto, um jornal dedicado aos interesses de todos que mourejam quaisquer que sejam as suas atividades na Companhia Siderúrgica Nacional, e através dêle encontraremos as indispensáveis oportunidades de contato esclarecedor e benefício à vida da organização a que servimos como nossa própria.
> (…)
> Embora separados pela distância geográfica, estamos presos por um ideal comum, que se traduz em servir o País, dando-lhe a matéria prima siderúrgica, base do desenvolvimento industrial que é trabalho, riqueza, poderio. **"O LINGOTE" deve ser aqui um elo entre os vários setores, realçando aquele ambiente social a que me referi e ajuando-os a** conquistar este ideal.
> É comum nas grandes organizações a existência de jornais ou revistas que refletem a sua parte humana. Na Companhia Siderúrgica Nacional, em virtude de circunstâncias particulares, esta publicação se impunha com dois aspectos principais – **o de ultrapassar os limites simples da fábrica, para atingir a comunidade instalada pela própria C.S.N. junto a seus setores de trabalho, verdadeiras cidades que ela fez surgir, e o de ligar os**

> **grupos humanos que a servem**. Isto, por certo, independente daquela vasta e universal missão que vai desde a informação correta, orientando devidamente o trabalhador, até o conselho amigo que ajuda no trabalho[6].

Dentro do periódico existia a seção "Conheça seu colega de trabalho", geralmente expunha texto e foto sobre personagem apresentado, em geral eram apresentados quatro personagens por edição e sempre de regiões diferentes da empresa, ao mesmo tempo em que colocava a CSN como a indústria que levava o país para o futuro, mostrava a integração produtiva e crescimento das áreas produtoras, sempre apontando Volta Redonda como o Eldorado brasileiro, colocando visitas à fábrica como sonho dos empregados e empregadas de outras localidades, tanto que a excursão à cidade virou uma forma de premiação[7]. Enfim, reforçando o discurso do então presidente da empresa.

O periódico manteve o número total de 12 páginas até a década de 1970, quando então este número começa a oscilar até atingir 35 páginas. "O jornal circulou, quinzenalmente, de março de 1953 a abril de 1957 (até o número cem). Em maio de 1957 passou a ser mensal e editado pelo serviço de imprensa da referida Companhia" (BOPPRÉ, 1990, p. 14). Três edições após esta mudança a coluna "Conheça seu colega de trabalho" deixa de existir.

O Lingote chegou a ser mencionado em outros veículos de imprensa[8], quando isso ocorria, geralmente se dava por O Lingote ser uma fonte primária para assuntos da CSN, ou seja, aparentemente a CSN reservava informações apenas para seu periódico, o que obrigava os outros veículos a o usarem por base. Segundo Maria Regina Boppré, "O Lingote" era editado no Rio de Janeiro, possuía sistema de fichário próprio e, no caso de Capivari, "cada exemplar era destinado ao destinatário" (Idem, p. 14), além disso, a autora assevera que até a

[6] Além das regiões citadas pelo General aparecem na seção analisada: em Minas Gerais - Água Preta e Rodeio de Baixo; em Santa Catarina - Capivari e Laguna. Acreditamos que eram regiões distritais das respectivas áreas citadas. ***O Lingote***, 25/03/ 1953, p. 1. **Grifos nossos.**

[7] ***O Lingote***, 25/12/1954, p. 2; ***O Lingote***, 25/01/1953, p.3; ***O Lingote***, 25/02/1955, p. 3.

[8] ***Correio da Manhã***, 28/10/1958, p. 7. Resenha: resumo de notícias de publicações econômicas diversas (G. de W.M.), 4 caderno; ***O observador econômico e financeiro***, 01 de 1959, p. 42. Reportagem: Volta Redonda supera o programa de milhão; ***Jornal do Brasil***, 18/02/1959, p. 1.

década de 1950 pouca integração havia na parte de comunicação entre os núcleos produtivos da usina e o periódico veio para acertar isso.

Entendo que o periódico tinha função informativa e propagandista, que ia ao encontro de um forte discurso de família fabril. Ao mesmo tempo o ideal familiar se consolidava interagindo com um discurso de classe trabalhadora que pretendia agregar todos os trabalhadores, independentemente de suas cores. Diante disso, minha questão de método e análise objetivou demonstrar como que os trabalhadores, principalmente os trabalhadores negros, apareciam nas páginas do periódico.

Não sei como os trabalhadores apresentados no periódico se autodeclaravam em relação a sua própria cor-raça, contudo dei uma classificação de cor a eles com a mesma base utilizada no Censo de 1950, em que o processo de autodeclaração foi pela primeira vez utilizado (PETRUCCELLI e SABOIA, 2013)[9]. Nem todas as fotos são nítidas e, por vezes, na incerteza, coloquei em meu tabelamento o termo "não identificada", para a coluna cor. Tentei instrumentalizar os conceitos ao classificar as fotos, assim, quando Munanga traz o histórico do conceito raça (MUNANGA, 2004) e suas alterações ao longo do tempo ele também traz os elementos classificatórios, aos quais nos pautamos.

Basicamente adotei o critério que pauta a identificação racial no Brasil e que também foi descrito por John French[10] sobre a distinção racial entre Brasil e Estados Unidos (FRENCH, item 1.3, p. 43), que seja a combinação de fatores que se baseiam na cor da pele e caracteres fenotípicos como o formato do nariz, da boca e o cabelo. Ainda sobre o método, após as constatações visuais analisei o histórico da personagem retratada na reportagem, pois para algumas delas há a citação de país de

[9] Em 1950 foram adotadas as seguintes cores: preta, branca, parda e amarela. Vale lembrar que a construção das cores para o Censo sempre esteve atrelada à questão racial, tanto que o censo de 1890 usava a categoria "cabocla". Há um pequeno debate sobre cor e raça na citada obra do IBGE, na parte de "Notas Técnicas"

[10] Com base em seus estudos sobre raça e cor, French estrutura uma tabela com 18 páginas em que demostra as diferenças entre Brasil e Estados Unidos quando da questão racial. Neste item específico ele evidencia que os Estados Unidos possuem um sistema baseado em descendência bi racial que leva em conta o dueto genótipo-cor (fundamentalmente uma concepção biológica sobre raça com sobreposições culturais), enquanto isso o Brasil adota um sistema baseado em aparência multirracial, com o dueto fenótipo-cor (fundamentalmente uma concepção biológica e cultural sobre raça).

origem, descendência ou outra informação que direcione melhor a classificação. Enfim, tendo em vista a questão de analisar os trabalhadores (as) negros (as) e ciente de que o periódico não os classificou, nem deixou margem para autoclassificação, este foi o recurso que imaginei ter aplicabilidade.

A metodologia não é uma inovação, já foi utilizada por outros pesquisadores, a questão que deve estar clara é quais são os critérios, pois sem a exatidão deste ponto podemos comprometer a análise. Gostaria de citar a pesquisa de Paula Cristina da Silva que trabalhou da mesma forma sobre a ficha dos funcionários de uma metalúrgica baiana e embora tenha trabalhado com categorias diferentes (preto, mestiço e branco) se pautou sobre os mesmos pontos que adotamos:

> O critério utilizado foi a maior ou menor presença de traços negroides, tais como cor da pele negra, tipo do cabelo, formato do nariz e dos lábios. Aqueles que apresentavam a cor da pele negra, nariz arredondado, lábios grossos e cabelos crespos foram classificados como 'pretos'; aqueles que não apresentavam uma dessas características foram classificados como 'mestiços'. Nessa categoria, portanto, estão inclusos todos os que poderiam ser chamados de mulatos, morenos ou pardos; aqueles que não possuem nenhuma dessas características foram classificados de 'brancos'; chamamos 'negros' o resultado do somatório de 'pretos' e 'mestiços'. (DA SILVA, 1997, p. 16)

Assim como Paula, adotei o uso da categoria negro tanto para os mestiços de ancestralidade africana como para as pessoas que apresentaram traços totalmente negroides, os chamados pretos. Pontuamos que o IBGE faz uso desta categoria no mesmo sentido que estamos a usar e geralmente quando esta instituição apresenta as categorias há sempre uma parte de histórico das mesmas e dos conceitos, bem como acertos e mudanças de seus significados ao longo dos processos aferidos pela instituição (PETRUCCELLI e SABOIA, 2013).

Outro pesquisador que utilizou esta metodologia foi o já citado Oliver Dinius. O curioso é que grande parte dos dados, tabelas e conclusões que o autor elaborou pautado em um recorte racial e

apresentado no terceiro capítulo de sua tese (DINIUS, 2004, 169-214), foi suprimido do livro publicado (DINIUS, 2010). Embora consideremos sua pesquisa uma das de maior fôlego sobre o tema (em nosso ponto de vista comparada a de Regina Morel), especificamente sobre a parte metodológica há que se fazer ressalva. Segundo o próprio autor, quem classificou os operários racialmente foi seu assistente, um estudante de engenharia que se autoclassificava como preto. Isso está explícito na nota 32, página 182, quando Dinius explicita que:

> (…) Meu assistente de pesquisa - um estudante brasileiro de engenharia que se classificou como negro - usou as fotografias nos arquivos pessoais para codificar funcionários. Infelizmente para o historiador, a empresa nunca registrou a cor como categoria demográfica no arquivo de pessoal[11] (DINIUS, 2004, 182).

Voltando ao periódico, a tabela abaixo é a quantificação de todos os 369 trabalhadores e trabalhadoras apresentados na seção Conheça seu Colega de Trabalho (1953-1957). Separamos as colunas com base na cor e gênero e as linhas com base no local de trabalho, sobre isso há linha nomeada "Mar" que se refere aos trabalhadores que trabalhavam embarcados e que o periódico não atrelou a nenhum Estado da Federação.

[11] "(...)My research assistant - a Brazilian engineering student who categorized herself as Black - used the photographs in the personnel files to code employees. Unfortunately for the historian, the company never recorded color as demographic category in the personnel file". **Tradução livre.**

Tabela 1: Trabalhadores (as), cor e Estado-Local de trabalho[12]								
	Branca		**Preta**		**Parda**		**Não identificada**	
	Homem	**Mulher**	**Homem**	**Mulher**	**Homem**	**Mulher**	**Homem**	**Mulher**
MG	31	4	21	0	22	0	12	0
RJ	95	8	13	0	55	2	7	0
Volta Redonda	44	3	10	0	32	0	3	0
SC	51	1	4	1	22	0	15	0
SP	2	0	0	0	1	0	0	0
Mar	1	0	0	0	1	0	0	0
Total	***180***	***13***	***38***	***1***	***101***	***2***	***34***	***0***
Percentual por Gênero	***93,3%***	***6,7%***	***97,4%***	***2,6%***	***98,1%***	***1,9%***	***100%***	***0%***
Total por Cor	***193***		***39***		***103***		***34***	
Percentual por Cor	***52,3%***		***10,6%***		***27,9%***		***9,2%***	

Um ponto que gostaria de evidenciar aqui é número de trabalhadores brancos que o periódico evidenciou, se considerarmos os dados colhidos por Dinius (2004, p. 182) para os anos de 1941 a 1946, veremos que 69% da mão de obra total da CSN era negra. Aparentemente a empresa tratou O Lingote com a mesma lógica das imagens propagandistas da ficha "Educação e Ensino", ou seja, evidenciou a maior presença de pessoas brancas.

Quando pegamos o Censo de 1950 e analisamos os dados para a cidade de Barra Mansa, da qual Volta Redonda ainda era distrito, notamos que o percentual de pessoas brancas, pretas e pardas são, respectivamente, 62%, 21% e 17% (IBGE, 1950 p. 67), ou seja, temos um percentual de 38% de negros na cidade. Os dados que tabelei do periódico da empresa se aproximam dos dados do IBGE, pois perfazem 38,5% de pessoas negras. Se os números se aproximam em relação ao número de trabalhadores brancos e negros estes se distanciam

[12] Volta Redonda aparece enquanto subdivisão do Estado do Rio de Janeiro, contudo, os valores desta linha já estão contabilizados dentro do Estado.

abissalmente em relação ao percentual de mulheres. Segundo o Censo estas perfaziam 48,5% da população de Barra Mansa e no periódico este percentual não chega a 4,3%. Ao analisar a questão das mulheres negras o periódico reserva números ainda menores, enquanto a cidade possuía 18,2% de mulheres negras o periódico reservou espaço de apenas 0,8%, na seção Conheça seu Colega de Trabalho, para este grupo.

O colorismo ou pigmentocracia é outra questão que fica evidente. Como o jornal reservava espaço para histórias de sucesso e ascensão social-profissional, fica evidente que existe um universo bem maior de pardos apresentados nas páginas do periódico de que de pretos.

Sobre as questões mais regionais pude aferir outras questões. Em Minas Gerais e Santa Catarina o extrativismo mineral era a tônica do trabalho e Minas despontou com o maior número de trabalhadores negros (43) em relação aos brancos (35). É interessante ver os números de Volta Redonda pois na cidade com grande migração mineira, os negros (42) possuem quase o mesmo montante que os brancos (47). Minas e Volta Redonda comungavam de áreas com trabalho pesado e braçal, contudo, Volta Redonda apontava maior diversidade funcional no pós-1946, pois com o início da produção na usina levas de novos trabalhadores e funções (de vários níveis) adentram os muros da fábrica para a produção de aço. Ademais, Volta Redonda possuía uma população majoritariamente migrante. Ainda sobre Volta Redonda é interessante notar que mesmo que os trabalhadores negros fossem a maioria para os primeiros anos de construção e produção da CSN as mulheres negras não apareceram nas páginas do periódico da empresa.

Rio de Janeiro e São Paulo eram cidades que se dedicavam mais ao trabalho de escritório (compras, vendas e documentação) o que envolvia um profissional com maior nível educacional tendo a contabilização ou domínio de outras línguas e isso acaba por incidir sobre o número de trabalhadores negros presentes nesses locais.

Santa Catarina segue com o maior número de "não identificado" e isso em muito tem a ver com a qualidade das fotos que vinham no periódico, mas também com os fenótipos apresentados em determinados casos e acredito que isso possa ter relação com a miscigenação.

Como já foi dito antes o periódico demonstra mais trabalhadores (as) brancos (as) do que negros (as) e os une pelos laços de esforço e superação que sempre estão atrelados a um viés trabalhista, mas o que diferenciaria o esforço de brancos e negros nos relatos do periódico? Se a cor era esquecida na construção argumentativa do periódico quando tabelei e cruzei dados cheguei à mesma hipótese de outros historiadores[13] que estudaram a relação cor-raça e o trabalho industrial: o negro entrou no mercado de trabalho assalariado durante o processo de industrialização brasileira, mas teve a mobilidade social extremamente limitada.

O periódico mostrava histórias de sucesso e superação e se esforçava em demonstrar que era uma coisa natural em todos os escalões da usina, isso fica evidente na variedade de funções e profissões dos trabalhadores apresentados e suas trajetórias narradas, contudo voltamos à questão de como esse universo de possibilidades e transformações atingia os trabalhadores e trabalhadoras negras, pois como demonstrado pela Tabela 1, o periódico colocou mais não negros que negros em suas páginas, mesmo que possamos cogitar que o número de trabalhadores negros fosse bem maior que o apresentado na coluna "Conheça seu colega de trabalho" (1953-1957). Tentando abordar a questão da mobilidade social dentro da empresa elaboramos a Tabela 2 que combina cor, gênero e ascensão profissional.

Tabela 2: ***Trabalhadores, cor e gênero por cargos de subchefia e chefia***

	Branca		Preta		Parda	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Chefe	58	1	4	1	31	0
Subchefe	2	1	0	0	1	0
Total por cor	62		5		32	

Os trabalhadores apresentados nas reportagens são da primeira geração de operários da CSN, mesmo que alguns viessem com alguma experiência profissional a maioria só a teve no chão da fábrica. Ao tentar montar tabelas para analisar a relação entre cor e ascensão profissional me deparei com a disparidade entre as funções, não tive

[13] Dentre eles Reeve (1974), Andrews (1991) e Adamo (1983).

acesso aos prontuários ou documentos que escalonassem funções-profissões, contei apenas com o relato do periódico que muitas vezes só citou a função que o trabalhador executava no contexto da entrevista, mas deixava evidente que este teve uma progressão funcional em outros momentos.

Como evidente, a maioria das pessoas colocadas em cargo de chefia ou subchefia foram pessoas brancas, 62,6%. Os pardos seguiam com 32,3% do total e apenas 5,1% eram pretos (as). Em relação às mulheres o abismo era maior pois perfaziam um total de 3% dos cargos. Os dados extraídos do periódico reforçam o pensamento de que a cor da pele era um condicionante de mobilidade social, no caso, mobilidade funcional. Aliás, a única mulher que apareceu em cargo de chefia era a dona Normélia de Souza Martins que tinha um grande histórico de colaboração indispensável em "banquetes, casamentos, batizados e bodas". Na falta de um chefe de cozinha para a Casa de Hóspedes de Tubarão (SC) e diante de uma plateia exigente, dona Normélia foi sugerida por um amigo do encarregado do setor, ela apareceu para o trabalho temporário e não mais saiu. Em sua história aparece a vocação para a cozinha "desde menina" e seu sonho era de "ser uma boa cozinheira"[14].

Mesmo com todas as contradições os trabalhadores negros dentro da empresa se viam incluídos pela integração à estrutura da empresa que os colocava dentro da perspectiva da classe trabalhadora em formação, contudo questões econômicas e de caráter estrutural começam a minar a citada estrutura que a empresa oferecia a seus funcionários e deixar mais evidentes a disparidade na questão racial.

O COMPLEXO JOGO ENTRE RAÇA E CLASSE: PRECARIZAÇÃO E EXCLUSÃO

Ao final dos anos de 1950, a CSN enfrentava problemas com o preço do aço e com a manutenção da cidade operária em Volta Redonda. A empresa apoiou a emancipação do distrito em 1954 e passou a estrutura urbana por ela construída para a prefeitura da cidade (excetuando-se, entre outras coisas, os clubes sociais). Segundo Morel, a CSN queria se desvencilhar de determinadas obrigações urbanas que tinha com a cidade industrial, então, não se opôs à emancipação do distrito (em 1954), contudo o regime de isenção fiscal dado à empresa

[14] ***O Lingote***, 10/01/1956, p. 3.

começa a ser questionado no final da década de 1950 e acaba definitivamente em 1963, quando a CSN pagou milhões à Prefeitura. Por outras questões a prefeitura estava em crise e mais de 40.000 habitantes "não possuíam acesso à assistência médica, nem condições de saneamento". Todo o quadro de diversificação de interesses e precarização ajudaram no fim do ideal de Família Siderúrgica[15] por parte da empresa, ou seja, no fim dos serviços que ela prestava à cidade e que por muitos era chamado de paternalista (MOREL, 1989, pp. 258-291).

Com o fim da estrutura paternalista dada aos funcionários pela empresa e com o adentrar dos anos 1960 alguns problemas pautados especificamente na cor-raça começam a aparecer, como a discriminação nos clubes.

João Laureano conta que o Náutico fez uma covardia muito grande:

> Eu morava no acampamento central, eu e a maioria como o Nazário [esposo de Eunice] (…). Então o galpão lá era a área de lazer (…) O Náutico foi fundado no escritório (…). Como a CSN estava expandindo e eles iam precisar desmanchar os barracos. O Náutico veio para o acampamento central no barraco que era nosso, que era nossa área de lazer e diz que ia acolher todos os moradores. Então beleza, aí entramos sócio do Náutico. Era só um barraco não tinha fechamento lateral, então fizeram o fechamento lateral, melhoraram o piso e começaram as atividades… E foram melhorando. Na medida que foram melhorando foi aumentando o quadro social. Eu tinha uma namorada na época (…) que ouviu um dia no banheiro das mulheres 'olha, disseram que o Náutico tá ficando muito bom mas tem muito negro e está parecendo gafieira' [risos]. Você tá pensando que ser negro é fácil [perguntou ao Clinger]?

[15] Regina Morel descreve a família siderúrgica como um "jogo articulado de estratégias" em que se desejava tanto o "mercado permanente de força de trabalho saudável e produtiva" quanto controle e bom comportamento (MOREL, 1989, p. 117), para tanto a CSN forneceria toda uma estrutura para seus trabalhadores que muitos nunca haviam tido acesso.

> Tinha duas meninas de Barra do Piraí [cidade ao lado] e elas frequentavam a casa dos tios delas lá na São João [rua] mas para entrar no clube tinha que ser dependente de alguém, então elas ficaram como minhas dependentes (…). Num determinado dia eu chego na portaria e eles não deixaram as meninas entrar. (…) 'O que que houve? Não, elas não podem entrar'. Eu não entrei pois eu estava com elas, no domingo seguinte eu voltei sozinho (…) e na portaria disseram que eu falei que lá tinha preconceito e lá não tinha preconceito[16].

A partir de então João é barrado, pois acusou o clube de ser preconceituoso e Nazário, seu amigo, foi demitido do quadro de associados por tocar tamborim na escola de samba. Não sabemos se o ato de tocar tamborim foi o problema ou se ele foi expulso por participar de outra agremiação, o caso é que outros relatos corroboram a versão de *limpeza racial* no Náutico. O senhor Jouvacy, que era operário e também músico, lembra que ao ir fazer um show no Náutico recebeu a seguinte informação: "(...) o senhor tá expulso daqui, não precisa voltar mais não (...)". Ao procurar o motivo da expulsão, soube através de outro funcionário que havia ocorrido uma decisão de "(...) tirar tudo que é pessoa negra daqui"[17]. D. Maria do Rosário, negra e moradora do bairro Retiro, reforça o caso ao descrever que preto não entreva no Clube Náutico e que estes criaram o "Clube dos Palmares", um clube só para gente preta[18].

O quadro de discriminação na porta dos clubes adentra os anos 1970. O senhor Sebastião dá um relato bem peculiar:

> Eu era o cara que tava sempre na pior, pois eu não podia entrar no Paulo Mendes e nem entrar no Náutico (…). Porque no Paulo Mendes eu era branco e no Náutico eu era negro [risos]. Eu fiquei muito injuriado com esse lance, eu

[16] João Estanislau Laureano, ex-funcionário da CSN e um dos membros fundadores do Clube Palmares em Volta Redonda. Entrevista concedida ao autor em Volta Redonda, 07 de março de 2018.
[17] Jouvacy Milheiro Neto, entrevista concedida ao autor em Volta Redonda, 29 de janeiro de 2009.
[18] Maria do Rosário, entrevista concedida ao autor em Volta Redonda, 09 de fevereiro de 2009.

> custava entrar nos clubes. Eu tinha uma dificuldade real em entrar nos clubes.[19]

O citado Paulo Mendes foi outro clube criado posteriormente e que atendia, majoritariamente, a população negra, também foi citado nas entrevistas como Paulo Paulada ou Planeta dos Macacos (por causa do filme lançado no final dos anos 1960).

Sebastião ainda cita outros clubes da cidade, dentre eles o Comercial. Para ele, o Comercial era o "clube mais pó de arroz que existia" e lá era muito difícil de entrar. A dificuldade de entrar e o elitismo expresso pelo "pó de arroz"[20] demonstram que o Clube Comercial era um lugar social de gente branca, frequentado pelo quadro mais alto da empresa, bem como por pessoas de classe social mais alta, um claro recorte que demarcava os limites para pessoas de determinada classe, raça e que obviamente tinham seu denominador comum nas pessoas negras.

Os problemas raciais ficavam mais evidentes a cada movimento que aumentasse a insegurança estrutural dos trabalhadores. Questões nos anos de 1950 começavam a aparecer evidenciando uma divisão racial do trabalho, como o caso dos trabalhadores atingidos pelo benzenismo.

Foi justamente em 1987 que o benzenismo foi reconhecido como Doença de Trabalho pelo Ministério do Trabalho, sendo que até 1985 nenhuma denúncia sobre a doença havia sido feita. O benzenismo é uma doença adquirida via inalação do gás benzeno, um dos substratos produzidos pela queima do carvão coque na coqueria das siderúrgicas, este diminui os glóbulos brancos do sangue e acaba incapacitando o trabalhador, gerando a leucopenia. O fato é que a CSN alegava que os negros possuíam anemia falciforme, uma questão genética **de raça**, o que para a empresa não tinha relação direta com o benzenismo. Esta relação entre CSN, doença e trabalhadores joga luz ao relato do Sr. José Garcia, negro e trabalhador da Coqueria, quando este afirmou que lugar de negro era no calor do fogo[21]. Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos

[19] José Sebastião da Silva, negro e funcionário aposentado da CSN. Entrevista concedida ao autor em Barra Mansa, 24/08/2017.
[20] José Sebastião da Silva, negro e funcionário aposentado da CSN. Entrevista concedida ao autor em Barra Mansa, 24/08/2017.
[21] José Garcia, negro e ex-vereador de Volta Redonda que chega à cidade em 1954. Entrevista concedida ao autor. Volta Redonda, 29 de janeiro de 2009.

de Volta Redonda (SMVR), via jornal Maioria Falante[22] (de 1991), eram mais de 2.000 casos na CSN com cerca de 500 afastados pela impossibilidade de trabalhar, 90% deles eram negros. Além disso, ainda segundo a reportagem, surgiam casos de leucopenia em bairros da cidade que faziam parte da rota de circulação de poluição, como os bairros Retiro, Conforto e Ponte Alta.

Ainda denunciando o caso, em 1997, outro periódico que também aponta para a década de 1980, cita que em dissertação de mestrado na UFRJ (1982) um engenheiro da CSN revelava as três condições para se trabalhar na Coqueria: "Fortes porque, do contrário não aguentaria o tranco. **Pretos, porque esta não seria uma ocupação para brancos.** E burros porque, se fossem inteligentes arranjariam algo de melhor para fazer na vida". Ao mesmo tempo o periódico denunciava que o racismo genocida era uma forma de controle populacional de uma mão de obra barata e descartável[23]. Ainda em 1997, quando a secretaria de saúde de Volta Redonda divulgou dados que revelavam mais casos de leucopenia, cerca de 400 a 500 trabalhadores atingidos (5% da mão de obra da empresa), o encarregado de Meio Ambiente, Segurança e Higiene da siderúrgica, o senhor Carlos Aloísio Dantas Tessarolo, foi a público e disse que "os judeus, os negros e os semitas têm naturalmente menos leucócitos"[24].

As disparidades estavam evidentes e eram sentidas pelos trabalhadores-moradores-eleitores da cidade. Matéria apresentada pelo Jornal do Brasil de 1987[25] revelou pesquisa que teve as cidades de Volta Redonda e Nova Iguaçu como base e o mote foi a discriminação racial. A pesquisa[26] e reação à publicação do jornal não tiveram boa aceitação, muitos não reconheciam a discriminação racial ou alegavam que era uma pesquisa condicionada pelas localidades, fazendo questão de criticar a metodologia. A citada pesquisa foi encomendada pela Igreja

[22] ***Maioria Falante*: *um serviço ao combate ao racismo e à discriminação***. Ano IV, Nº 24, Abril e Maio – 1991, p. 10.
[23] Periódico de cunho trotskista, da quarta internacional que levanta a questão racial como forma de fazer a união da classe trabalhadora. Leucopenia: Racismo nas siderúrgicas. *Vanguarda Operária*, n. 2, p.4, 08 a 10/1997. Localização eletrônica: http://www.internacionalist.org/leucopenia.html, acessado em 13/04/2009. **Grifo Nosso**.
[24] ***Tribuna da Imprensa***, 05/11/1997, p. 5.
[25] ***Jornal do Brasil***, 11/11/1987, p. 36.
[26] IBASE/Comissão de Religiosos (as) Seminaristas e Agentes da Pastoral Negros do Rio de janeiro, 1987, dados publicados em Negros no Brasil: Dados da Realidade - co-edição COM Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) e Vozes.

Católica e provavelmente teve vinculação entre Dom Waldir Calheiros (Volta Redonda) e Dom Adriano (Nova Iguaçu) dentro da lógica de construções de pastorais e da teologia da libertação.

Segundo a pesquisa do IBASE, 88,9% dos entrevistados asseveravam que existia discriminação racial no Brasil; 32,7% assumiram ter sofrido algum tipo de discriminação e 67%,3 disseram que não. Dos que sofreram discriminação 57,9% não fizeram nada ao serem discriminados, 20,2% denunciaram na imprensa e reagiram verbalmente, 18,9% saíram do trabalho e 3% tomaram outras atitudes (IBASE, 1989, p. 37). O curioso nestes dados é justamente o evidente disparate entre quem assume reconhecer a existência da discriminação na cidade e o número relativamente baixo de quem assumiu ter sofrido discriminação.

Interessante, em relação às operações da memória, é que com a privatização da CSN (em 1993) o senhor Joaquim Dias Sargento começa a notar em Volta Redonda um "cado de racismo", pois não havia mais vaga para todos os trabalhadores e os filhos tinham que deixar os pais para arrumar emprego. Ele completou dizendo que "Ah, na época de Getúlio Vargas não tinha isso não, até o povo da lavoura, até o trabalho na lavoura era com muito mais estímulo do que é hoje. (…)" (DINAMARCO, 2004, p. 169).

CONCLUSÃO

Sobre as evidentes assimetrias de tratamento narradas pelos trabalhadores da CSN e pensando como o discurso de democracia racial conseguiu incutir uma tolerância para este tratamento diferenciado, acredito que o discurso governamental de futuro combinado ao Milagre Econômico e aos planos de expansão da CSN conseguiram tampar os problemas raciais durante algum tempo e isso impactou a primeira geração de trabalhadores da CSN.

Penso que a identidade racial ganhou força a partir das crises do desenvolvimentismo e do desmantelamento da estrutura fabril para seus trabalhadores, principalmente para os anos 1980 e que coincidentemente foi o período de fortalecimento do Movimento Negro em escala nacional. Nesta década elegeu-se vereador negro e atrelado ao Movimento Negro Unificado na cidade, o Sr. José Garcia que foi eleito pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

Se na década de 1980 ocorreram as maiores e constantes greves em Volta Redonda ao mesmo tempo em que os movimentos negros da cidade se fortaleciam e articulavam, os anos 1990 foram testemunha da privatização da empresa e da introdução de uma nova ótica sindical, não pautada nas greves e enfrentamentos, mas na negociação. Neoliberalismo e precarização ganharam força ao mesmo tempo aumentaram as disparidades entre trabalhadores de raça-cor diferentes.

Os casos pincelados no artigo ajudam a reforçar o alerta de Angela Davis de que a negação da classe como categoria analítica não interessa à população negra (ALMEIDA, 2018, p. 147). Os casos apresentados, desde o início demonstraram essa mescla entre classe e raça e nos fez refletir sobre certa incoerência de alguns pesquisadores, muitos deles marxistas, de que classe possa ser "mais básica ou importante do que raça" (ROEDIGER, 2004, Pp. 46, 47). Elas estão ali, juntas a se articular nas lutas sociais, de classe e identitária. Alimentam-se e dão propulsão a diversas ou específicas mobilizações, como as da década de 1980, em Volta Redonda.

Nosso país passou por severas transformações nos últimos anos, acho que a extinção do Ministério das Mulheres, Igualdade Racial, Juventude e Direitos Humanos possui um grande efeito simbólico. Em se tratando da questão racial no Brasil noto que os últimos anos de políticas governamentais que conseguiram ascender minimamente grupos sociais excluídos, como os negros, causaram grande incômodo em segmentos sociais mais elitizados. Afinal, embora fissuras apareçam e se fortaleçam em meio às crises estruturais e discursivas ainda somos um país que muito utiliza o "sabe com quem você está falando" e para esse tipo de situação sempre existem pessoas fora do lugar, principalmente aquelas que sempre tiveram lugar subalterno.

O quadro atual do país e da produção científica é no mínimo curioso, pois ao mesmo tempo em que tentam hegemonizar a nunca abandonada democracia racial, negam a ciência que produz os números que questionam a igualdade racial no país. A ciência vem sendo deixada de lado e surgem espaços para interpretações pautadas apenas no sentir, a pós-verdade espreita o cotidiano com o aval de um governo que dela se fez articulador.

Fator constante para todas as décadas analisadas neste artigo é que se a classe trabalhadora tem suas condições de vida agudizadas, é a população negra que sente a maior insegurança estrutural porque o racismo brasileiro é multifacetado, atinge aspectos econômicos, políticos e subjetivos, pois é estrutural (ALMEIDA, 2018), como demonstra a nossa história.

REFERÊNCIAS

ADAMO, S. *The broken promise*: race, health, and justice in Rio de Janeiro, 1890-1940. 1983. Dissertation in History, The University of New Mexico

ALMEIDA, S. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ANDREWS, G. R. *Blacks & Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988*. University of Wisconsin Press, 1991.

BATISTA, R. D. C. S. F. *O negro*: trabalho, sobrevivência e conquistas em Juiz de Fora de 1888 a 1930. Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2006.

BEDÊ, Waldyr Amaral. *Volta Redonda na Era Vargas (1941-1964).* Volta Redonda: SMC/PMVR, 2004.

BOPPRÉ, M. R. *" O Lingote":* Fonte jornalística para a história popular tubaronense. ÁGORA, v. 6, n. 12, p. 13-20, 1990.

DA SILVA, Leonardo Ângelo. *Volta Redonda em Preto e Branco: Trabalho, Desenvolvimentismo e Relações Raciais (1946-1988*). Tese de Doutorado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM-UFRRJ), 2019.

DA SILVA, L. Â. *Industrialização, Relações de Classe e Participação Política:* da Criação da CSN à Emancipação de Volta Redonda (1941-1954). Mestrado Dissertação em História, Instituto Multidisciplinar-Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IMUFRRJ). 2010.

DA SILVA, P. C. *Negros à luz dos fornos*: representações do trabalho e da cor entre metalúrgicos baianos. Dynamis Editorial, 1997.

DINIUS, Oliver. *Work in Brazil's Steel City: A History of Industrial Relations in Volta Redonda, 1941–1968*.PhD, dissertetion in History, Harvard University, 2004.

_____. Brazil's Steel City: *Developmentalism, Strategic Power, and Industrial Relations in Volta Redonda, 1941-1964.* Stanford University Press, 2010.

DINAMARCO, Patrícia da Silva Mueller. *Trabalhadores da CSN*: Lembranças e Relatos da Primeira Geração. Dissertação de Mestrado em História, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2004.

FARIAS, Ignez Cordeiro de (Coord.). *Jorge Loretti.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

FISCHER, B. M. *Quaese pretos de tao pobres?* Race and Social Discrimination in Rio de Janeiro's Twentieth-Century Criminal Courts. Latin American Research Review, University of Texas Press - Austin, v. 39, n. 1, 2004.

FORTES, Alexandre; SILVA, Eduardo Ângelo da; SILVA, Leonardo Ângelo da. *Desenvolvimento, trabalho e cidadania em Volta Redonda*: um olhar sobre a evolução da produção acadêmica. In FORTES, Alexandre; RAMALHO, José Ricardo. *Desenvolvimento, trabalho e cidadania: Baixada e Sul Fluminense.* Rio de Janeiro: 7 Letras. 2012.

FRENCH, J. IV. *Teaching the U.S.A./Brazil Comparison (Tables 1-6)*. Duke University

FRENCH, John D. *"A história latino-americana do trabalho hoje*: uma reflexão auto-crítica." Revista de Historia, História-Unissinos, v. 6, n. 6, 2002.

GOMES, Flávio, and PAIXÃO, Marcelo. "*Raça, pós-emancipação, cidadania e modernidade no Brasil: questões e debates."* Revista Maracanan, Rio de Janeiro, n. 4, 2008.

IBASE. *Negros no Brasil*: dados da realidade. Rio de Janeiro: Editora Vozes-IBASE, 1989.

IBGE. *Censo Demográfico 1950.* Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

LARA, Silvia Hunold. "Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil." Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, n. 16, 1998.

LASK, Tomke Christiane**.** *Ordem e progresso:* A estrutura de poder na "cidade operária" da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda (1941-1964). Tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Museu Nacional). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1991.

MOREL, Regina Lúcia de Moraes. *A Ferro e Fogo – Construção e Crise da "Família Siderúrgica"*: O caso de Volta Redonda (1941 – 1988). Tese de Doutorado em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas da Universidade de São Paulo, 1989.

PETRUCCELLI, J. L.; SABOIA, A. L. *Características étnico-raciais da população:* classificações e identidades. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística--IBGE, 2013

PIERSON, Donald. *Brancos e pretos na Bahia*. São Paulo: Copanhia Editora Nacional, 1945.

REEVE, Richard Penn. *"Race and socio-economic mobility in a Brazilian town." St. Louis:* Washington University, 1974.

ROEDIGER, D. *Sobre autobiografia e teoria*: uma introdução. Branquidade: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTOS, Antônio Guilherme dos. "*Benzenismo: Prevenção e controle devem ser permanentes" [online]*. Diesat (Departamento Intersindical e Saúde do Trabalhador). Disponível em: http://www.diesat.org.br/artigos/4.pdf. Acessado em: 02/04/2009.

SAVAGE, M. *Classe e história do trabalho.* In: (Ed.). Cultura de classe. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. p.25-48.

Recebido em 05/11/2019
Aprovado em 05/12/2019